
Vivências Sexuais de Universitários Vítimas de Abuso Sexual na Infância¹

Pâmela Virgínia dos Santos

Psicóloga - Universidade Federal de São Carlos

Paolla Magioni Santini

Doutora em Psicologia - Universidade Federal de São Carlos

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

Professora Titular do Departamento de Psicologia - Universidade Federal de São Carlos

¹ O presente estudo teve apoio financeiro do CNPq/PIBIC (Processo nº 164807/2014-4)

Resumo

O presente estudo analisa as vivências sexuais de universitários vítimas de abuso sexual. Esta pesquisa fez parte de um projeto nacional de estudo de prevalência de abuso sexual em universitários brasileiros. A literatura existente aponta que as consequências mais frequentes, a longo prazo, são a evitação de intimidade física ou comportamento hipersexualizado. Nos resultados, observou-se relatos de evitação apenas na população feminina, enquanto que hipersexualização foi relatada por homens e mulheres.

Palavras-chave: Abuso sexual. Vida sexual adulta. Sexualidade. Prevalência de abuso.

Abstract

The present study examines the sexual experiences of University students victims of sexual abuse. This research is part of a national study project involving the prevalence of sexual abuse among Brazilian University students. The literature indicates that the most frequent consequences of sexual abuse, in the long term, are avoidance of physical intimacy or oversexualized behavior. Results showed a higher rate of avoidance of sexual behaviors in the female population, while oversexualized behavior was observed in males and females.

Keywords: Sexual abuse. Adult sexual life. Sexuality. Prevalence of abuse.

A violência se define como uma ação intencional, de força física ou uso de poder ou ameaça, com o intuito de resultar alguma lesão, dano psicológico, mau desenvolvimento, privação ou morte (Organização Mundial de Saúde, 2014). Existem diferentes tipos de violência interpessoal, como a física, que se define como atos físicos violentos, usada geralmente como punição para disciplinar; a emocional, que está relacionada às outras violências, abrangendo degradação, humilhação e ofensas; e a sexual, que consiste na gratificação sexual de um, dentro de uma relação de poder, na qual há intimidação e/ou não consentimento de outro (Organização Mundial de Saúde, 2014).

Em termos do abuso sexual infantojuvenil, tal violência é definida pela diferença cronológica entre vítima e agressor de cinco anos ou mais, sendo a vítima menor de 14 anos (Pereda & Forns, 2007). De Antoni e Koller (2002) relembram, ainda, a relação hierárquica presente, na qual o agressor possui poder sobre a vítima e não existe reciprocidade por parte desta. Outro fator encontrado na maioria dos levantamentos acerca da

temática é o de que o abusador frequentemente é um adulto próximo da criança, sendo muitas vezes alguém da família (pai/mãe, irmão/irmã, tio/tia, padrasto/madrasta)(Araújo, 2002).

Quando se trata das estatísticas dos casos de abuso sexual, estima-se que uma a cada três mulheres sofrerá abuso sexual por parte do parceiro em sua vida (Organização Mundial da saúde, 2014). A prevalência de abuso reportada na literatura internacional tem sido de 15% a 20% (Paolucci, Genius & Violato, 2011). Em um levantamento global, Stoltenborgh, Marinus, Euser e Bakermans-Kranenburg (2011) foi encontrada uma prevalência de abuso sexual de 127 em cada 1000, para estudos de auto-relato, e quatro em cada 1000, para estudos de informantes. Dados de uma pesquisa acerca de estudos sobre abuso sexual de 22 países reafirmam a maior incidência de casos de abuso em vítimas do sexo feminino, somando 19,7% das mulheres e 7,9% dos homens (Pereda, Guilera, Forns & Gómez-Benito, 2009). Tais números evidenciam que este é um problema mundial de significativa incidência.

Esta violência traz consequências negativas às suas vítimas: existem evidências de que sobreviventes de abuso sexual na infância apresentam um risco significativamente alto de sofrerem problemas de saúde, psicológicos, comportamentais e sexuais (Maniglio, 2009). Estudos embasam a hipótese de que tal violência

afete o desenvolvimento infantil, tendo parte na gênese de transtornos psicológicos como, por exemplo, Transtorno de Estresse Pós Traumático (TEPT), dissociação, depressão, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtornos alimentares, transtornos psicossomáticos, comportamento delinquente e abuso de substâncias (Cicchetti & Toth, 2005; Collin, Vézina & Hébert, 2005; Nurcombe, 2000), sendo o TEPT o mais expressivo na maioria dos casos (Ruggiero, McLeer & Dixon, 2000; Runyon & Kenny, 2002).

As vítimas também apresentam sequelas do abuso em longo prazo. O histórico de abuso sexual na infância é associado ao aumento do risco de revitimização por violência sexual na fase adulta (Vaillancourt-Morel et al., 2015). Ocorre também uma correlação entre histórico de abuso e tornar-se agressor sexual na idade adulta, sendo reportada uma prevalência maior em tais indivíduos de violência sexual contra crianças do que contra outros adultos (Jespersen, Lalumière & Seto, 2009). Na fase adulta, o trauma pode resultar em danos consequentes como depressão, baixa autoestima e tendências suicidas (Rodrigues, Brino & Williams, 2006).

Um aprofundamento se faz relevante também pela escassez de trabalhos com este tema no Brasil. No levantamento bibliográfico realizado no presente estudo, as palavras chaves utilizadas foram “sexualidade”, “abuso sexual”, “*sexual abuse*” e “*sexuality*”, sendo considerados

apenas trabalhos completos publicados. Foram excluídos os artigos que abordavam a sexualidade correlacionada a outros temas que não abuso sexual, como deficiência mental ou uso de drogas, ou que apresentavam dados apenas acerca de relato do abuso sexual infantil na vida adulta. Por meio de busca eletrônica nas bases de dados brasileiras, na SciELO, foram encontrados 15 artigos, sendo selecionados com base em critérios de inclusão dois deles: Rodrigues et al., (2006) e Teixeira e Taquette (2010). Na LILACS, de 106 artigos encontrados, nenhum cumpriu os critérios. Na base de dados americana, PsycNET, foram encontrados 33 artigos, sendo considerados como relevantes, após as exclusões, quatro deles: Buttenheim e Levendosky (1994), Noll, Trickett e Putnam (2003), Tharinger (1990) e Meston, Rellini e Heiman (2006).

Existem na literatura artigos que tratam da vivência sexual de vítimas de abuso. Em um estudo com adolescentes do sexo feminino (Teixeira & Taquette, 2010), as vítimas de abuso sexual na infância apresentaram início precoce da vida sexual (antes dos 15 anos) e taxas elevadas de comportamentos sexuais de risco. Noll, Trickett e Putnam (2003) também corroboram com estes dados, além de apontar que vítimas de abuso sexual incestuoso relatam mais sentimentos de aversão ou ambivalência sexual (ou seja simultânea aversão e preocupação a respeito de sexo). Em um estudo sobre

a concepção de sexualidade de adolescentes vítimas e não vítimas de abuso sexual (Rodrigues et al., 2006) mostraram que sobreviventes de abuso em comparação a não vítimas da mesma idade relatam medo de se envolver com parceiros do sexo oposto e de se engajar no ato sexual. Estas vítimas também apresentaram medo de sofrer novamente uma agressão em um relacionamento ou namoro. Quanto à concepção de sexualidade, as vítimas trataram o tema “sexo” como algo desinteressante, ruim, doloroso, que ainda remetia ao abuso e, portanto, não poderia ser relacionado a prazer. Além disso, todas as adolescentes sobreviventes de violência sexual relataram não se sentir à vontade diante de um indivíduo do sexo oposto.

Visto que o histórico de abuso sexual é indicativo de vários problemas de ordem biopsicossocial para as vítimas, seja a curto, médio e longo prazo, justifica-se uma investigação das conseqüências de tal abuso nas vivências sexuais da vida adulta. Esta hipótese do dano causado na esfera sexual na vítima quando adulta é demonstrada em estudos anteriores, como os citados neste trabalho. Ao analisar as possíveis conseqüências do abuso sexual nas vivências sexuais da vida adulta é possível planejar estratégias de tratamento, mesmo que tardias em relação à ocorrência do abuso. A relevância social da temática de prevenção e tratamento de abuso sexual, bem como a falta de estudos, principalmente

brasileiros, sobre o impacto de um histórico de abuso sexual na sexualidade ao longo da vida adulta, inclusive a ausência de levantamentos sobre a prevalência de tal abuso na população brasileira, são outros fatores que justificam essa pesquisa. Portanto, o presente estudo teve como objetivo analisar possíveis alterações na vivência sexual atual de universitários vítimas de abuso sexual na infância.

Metodologia

Participantes

Este trabalho faz parte de um estudo de prevalência de abuso sexual em universitários brasileiros².

Participaram desta pesquisa 530 estudantes de uma universidade particular, sendo que destes, 38 foram selecionados por relatarem ter sofrido algum abuso sexual na infância. Foi realizado um delineamento transversal com amostragem por conveniência.

Local

A coleta de dados ocorreu em salas de aula da referida universidade particular, no município de São Carlos.

1 Trata-se de um projeto multicêntrico desenvolvido por um grupo de trabalho de 14 pesquisadores da ANPEPP intitulado "Tecnologia social e inovação: intervenções psicológicas e práticas forense" que tem como objetivo o estudo da natureza descritiva ou epidemiológica sobre abuso e/ou exploração sexual contra crianças e adolescentes no país.

Materiais

Foi utilizado, neste estudo, o Questionário de Prevalência de Abuso Sexual (instrumento desenvolvido por Grupo da ANPEPP, não publicado), que investiga a idade, gênero, etnia, estado civil, classe socioeconômica dos participantes, ocorrência ou não de episódios de abuso sexual na infância e/ou adolescência dos participantes, assim como, no caso de ocorrência de abuso, as medidas tomadas e as consequências de curto e longo prazo do abuso.

Os participantes relataram suas vitimizações selecionando dentre as treze situações descritas no instrumento. Estas situações detalhavam tipos de abuso que os participantes poderiam ter sofrido durante a infância, o que incluía exposição a conteúdo sexual explícito, pessoalmente ou via internet, abuso sexual físico (que consiste em masturbação, sexo oral e/ou penetração vaginal, anal), e também situações mais específicas como alguém ter falado algo com conteúdo sexual inapropriado, solicitação para que a vítima mostrasse seu corpo (pessoalmente ou via internet), oferecimento de recompensas como presentes ou dinheiro em troca de carícias sexuais ou exposição do corpo. Os participantes indicaram a frequência com que cada situação ocorreu durante sua infância e pré-adolescência, indicando as opções "muitas vezes",

“poucas vezes” e “nunca”, assim como também relataram o impacto que cada situação exerceu sobre eles mesmos, listando entre “muito forte”, “médio” e “nenhum”.

No caso deste presente estudo, tiveram pertinência respostas dos participantes aos seguintes itens: *evitação de contatos físicos com as pessoas; pouco interesse em atividades sexuais; interesse precoce em sexo, masturbação excessiva*. Tais itens poderiam indicar impactos na vida sexual do indivíduo, portanto, foram relacionados com o relato de vitimização de abuso sexual infantil de cada participante, baseando-se no objetivo aqui proposto.

Procedimento

Apenas participaram da pesquisa aqueles estudantes universitários que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os participantes preencheram o Questionário de Prevalência de Abuso Sexual em suas respectivas salas, no período de uma aula, com a autorização do professor e o acompanhamento e orientações da pesquisadora, além do acompanhamento de uma equipe de apoio de psicólogos de um laboratório da UFSCar (Laprev), que estiveram ali presentes com o objetivo de prestar assistência no caso de qualquer desconforto emocional que fosse manifestado por

algum participante. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UNICEP (Centro Universitário Central Paulista) (CAAE: 37603814.4.0000.5540).

Análise de dados

De um total de 530 participantes, foram selecionados aqueles que relataram vivência de, ao menos, uma das situações descritas como abusivas, até os 14 anos de idade. Esta população foi então analisada, verificando-se a frequência de relato de consequências a longo prazo dos abusos, no que diziam respeito à esfera sexual. Também foi estudada a prevalência de cada gênero em tal amostra. Além destes dados, foi feito o levantamento das características socioeconômicas destes participantes, com o intuito de se delimitar o perfil desta população.

Resultados

Dentre a população que declarou ter vivenciado ao menos uma das situações abusivas, descritas no instrumento, foram identificados 33 casos de violência sexual entre pares, nos quais as vítimas eram menores de 14 anos e, no entanto, a diferença cronológica entre estas e seus agressores não ultrapassava cinco anos. Estes casos não foram incluídos na análise dos resultados por

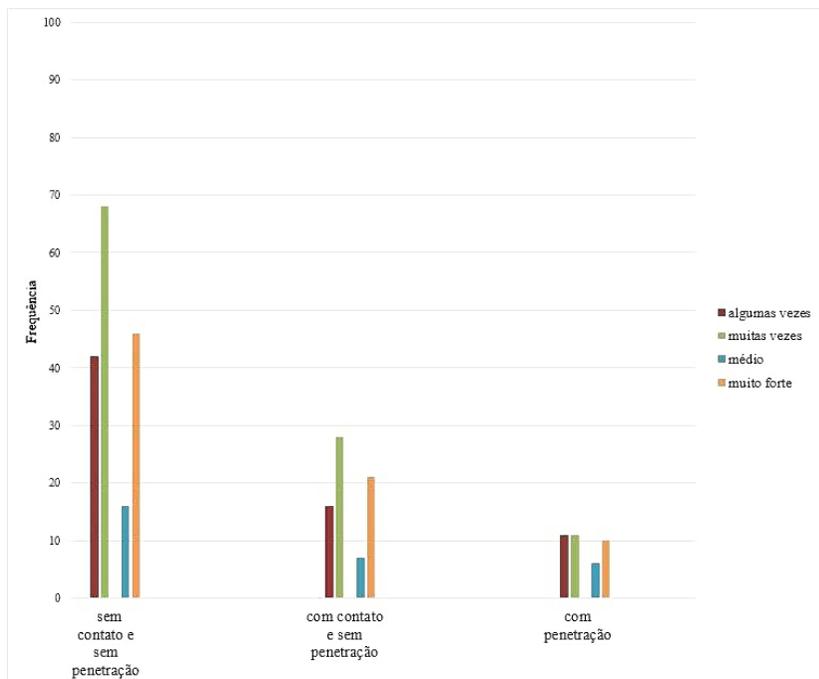


FIGURA 1 – Frequência e impacto das situações de abuso sexual.

não se encaixarem no objetivo da presente pesquisa, que visa estudar casos de abuso sexual infantil. Os casos de interesse foram selecionados dentre os participantes que relataram vivências de situações abusivas, nas quais seus agressores eram, ao menos, cinco anos mais velhos que elas.

Em relação aos dados gerais dos participantes vítimas abuso sexual infantil, estes apresentaram a idade média de 24,6 anos, com desvio padrão de 5,2. A renda familiar relatada, em média, foi de R\$ 2.203,00

reais. A maioria era do sexo feminino (65,8%) e de cor branca (76,4%). A escolaridade dos pais (28,9%) e mães (26,3%) dos participantes era, em sua maioria, ensino médio completo.

Os abusos foram descritos no instrumento em treze situações, que envolviam desde a exposição a conteúdo sexual verbal impróprio a penetração vaginal e/ou anal. Tais situações foram classificadas como: sem contato e sem penetração, que consistem nas situações em que houve exposição da criança a conteúdos visuais ou verbais impróprios, ou que houve exposição do corpo da vítima, ou ainda situações em que o agressor tenha exibido alguma parte íntima de seu corpo à criança de forma abusiva; com contato e sem penetração designa as situações descritas no questionário que envolvem masturbação, porém sem penetração vaginal/anal na vítima; e finalmente com penetração, sendo as situações abusivas mais graves e, sobretudo, fisicamente traumáticas.

Na Figura 1 pode ser visualizada a frequência e o impacto das situações de abuso sexual. As situações abusivas de maiores taxas foram, em geral, as que envolviam exposição à conteúdos sexuais explícitos ou falas de teor sexual inapropriado. As menores taxas foram das situações de violência física mais severa, sendo os abusos *com penetração*. Quanto às categorias de abuso relatadas de maior impacto, observam-se as situações *sem contato e sem penetração*.

As consequências a curto prazo também foram investigadas no questionário, sendo suas taxas explicitadas em gráfico (Figura 2). Nesta parte do instrumento, foram selecionadas pelos participantes desde descrição de sentimentos vivenciados em decorrência do abuso, como sensação de medo ou confusão, até consequências físicas como gravidez ou hematomas. Além destas, esta seção continha os itens de interesse específico desta pesquisa, que diziam respeito a comportamentos ligados à vivência da própria sexualidade da vítima.

Destaca-se, na Figura 2, o alto índice de relatos de experiências de sentimentos estressantes, segundo a literatura, característicos das vítimas de abuso sexual: medo, nojo, raiva, tristeza, culpa (Maniglio, 2009). Foram encontrados na amostra também casos com consequências físicas de grande impacto, sendo um caso de gravidez e um de aborto.

Acerca da caracterização dos abusos sexuais relatados na amostra, foi traçado um perfil dos agressores, os quais apresentaram idade média de 35,4 anos; sendo a média de idade das vítimas 10,6 anos. Dentre os que responderam, a maioria identificou o agressor como sendo “amigo/vizinho”, sendo a taxa de abusos cometidos por “tio/tia ou primo/prima” também relativamente alta. Alguns participantes relataram não se lembrar de quem foi o agressor ou

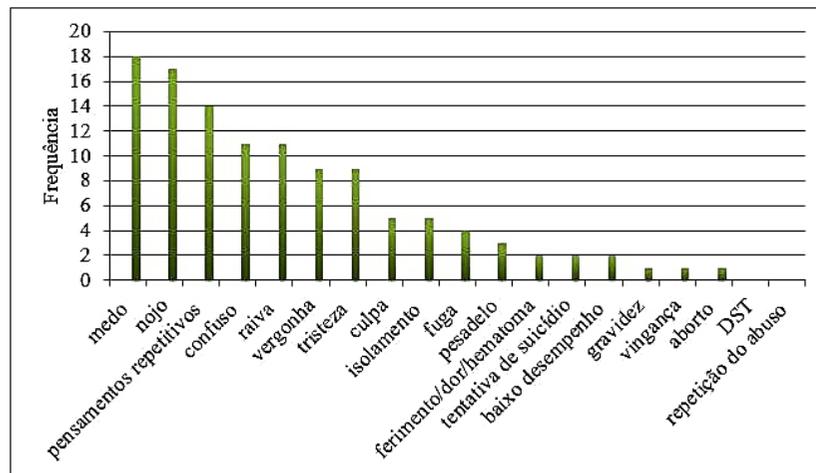


FIGURA 2 – Consequências do abuso sexual a curto prazo.

sua relação com o mesmo na época (10,5%). Além da caracterização da relação das vítimas com os agressores, as vítimas relataram, no instrumento, os locais onde os abusos ocorreram, sendo a própria residência da vítima o local mais apontado, seguido de “rua/festa”. É importante salientar que mais da metade dos participantes não respondeu a esta pergunta.

Por fim, na Tabela 1 (próxima página), são apresentados os dados das respostas dos participantes referentes a possíveis consequências do abuso sexual em suas vivências sexuais atuais.

Observou-se que 18,4% dos participantes relataram evitação de contato físico, sendo todos do sexo feminino. Quanto a ter pouco interesse em atividades sexuais, obteve-se a taxa de 10,5% de relatos, sendo também exclusivamente de mulheres. A consequência a

TABELA 1 – Questões sobre efeito em longo prazo, referentes a vivências sexuais (N=38).

Questões respondidas pelas vítimas no questionário	Total N (%)	Sexo feminino N(%)	Sexo masculino N(%)
<i>Evitação de contatos físicos com as pessoas</i>	7 (18,4)	7 (100)	0 (0)
<i>Pouco interesse em atividades sexuais</i>	4 (10,5)	4 (100)	0 (0)
<i>Interesse precoce em sexo/masturbação excessiva</i>	6 (15,8)	4 (66,7)	2 (33,3)

longo prazo “interesse precoce em sexo/masturbação excessiva”, com 15,8% de respostas afirmativas, sendo destas 66,7% representativo do sexo feminino e 33,3% do masculino.

Discussão

O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar as consequências na vivência sexual atual das vítimas de abuso sexual na infância. Os dados encontrados indicam evitação de contato físico e desinteresse sexual principalmente em mulheres. Este comportamento de desinteresse pelo ato sexual é também relacionado com casos de abuso sexual incestuoso, sendo mais recorrente em tais episódios (Noll, Trickett & Putnam, 2003), o que corrobora com os dados aqui observados

sobre os agressores. Na população pesquisada, a maioria dos agressores era tios (as), primos(as) ou pessoas que não possuíam parentesco com a vítima, mas pessoas de convívio próximo sendo amigos ou vizinhos. Tal dado corrobora com o perfil geral de agressor como sendo alguém do círculo social próximo da vítima (Araújo, 2002).

Outros dados indicam hipersexualização (interesse precoce em sexo e masturbação excessiva) em mulheres e homens vítimas de abuso sexual, assim como observado na literatura (Teixeira & Taquette, 2010). As vítimas, em média, sofreram o abuso sexual no início pré-adolescência, fase do desenvolvimento em que a construção da sexualidade é acelerada, o que pode influenciar para o aparecimento de tais sequelas na esfera sexual (Sant’Anna & Baima, 2008).

As categorias de abuso relatadas de maior impacto se referiram a situações *sem contato e sem penetração*. Embora estejam listadas outras situações, que envolvem contato físico e atos relativamente mais invasivos e violentos, este dado leva a crer que o impacto sofrido com a experiência de abuso deve ser visto como algo relativo, variando de intensidade para cada indivíduo, e demonstra como toda forma de abuso, mesmo as consideradas mais brandas, podem exercer grande impacto nas vítimas. As sensações de medo, vergonha, pensamentos repetitivos e confusão foram as mais

apontadas como consequências a curto prazo do abuso, corroborando com os dados da literatura em geral a respeito do alto nível prejudicial do abuso sexual para as vítimas (Maniglio, 2009; Williams, 2014). Alguns estudos apontam que existe uma taxa de incidência relativamente alta de casos em que vítimas de abuso tornam-se agressores (Jespersen, Lalumière & Seto, 2009). Na presente amostra não foi relatado tal problema.

O questionário continha um espaço para que os participantes pudessem escrever comentários, caso desejassem. Dentre estes, houve indagações sobre os itens que tratavam de exposição a conteúdo impróprio e falas com conteúdo sexual explícito, nos quais alguns participantes apontaram não reconhecer tais situações como abuso sexual. Diante de tais comentários, pode-se refletir acerca da necessidade de intervenção nesta população, sobre a divulgação de um conceito mais amplo e completo de abuso sexual, assim como a conscientização sobre as consequências da exposição inadequada de crianças e adolescentes à sexualidade precoce.

Um fator que pode ter dificultado uma investigação mais detalhada sobre a sexualidade dos participantes foi o modelo do questionário. O instrumento utilizado se propôs a coletar dados sobre muitos aspectos além do que a pergunta de pesquisa abrange, de modo que este não foi o único foco do estudo. Apesar de todos

os dados levantados serem de grande importância para a construção de conhecimento acerca de prevalência de abuso no Brasil, um estudo com um instrumento mais especializado na investigação da sexualidade se faz necessário para uma análise mais específica sobre impacto desta violência neste aspecto da vida adulta da vítima. Além disso, hipotetiza-se que o fato de a vítima possivelmente não ter realizado um acompanhamento terapêutico para o tratamento da violência sexual sofrida dificulte o seu processo de reconhecimento das disfunções sexuais atuais como sendo decorrentes de tal abuso.

Alguns fatores que podem ter ocasionado alguma dificuldade na obtenção de resultados, em geral, são, por exemplo, o fato de o instrumento investigar um assunto que em muitos casos não é facilmente relatado pela vítima, mesmo depois de anos, por não ter ocorrido denúncia ou acolhimento necessário. Nestas situações, o participante pode se sentir constrangido ou desconfortável em revelar o episódio de abuso e opta por não fazê-lo. Houve uma taxa considerável de indivíduos que alegaram estar revelando o abuso pela primeira vez nesta pesquisa.

Vale lembrar que este estudo não pode ser considerado representativo da realidade brasileira pelo fato de se tratar de uma amostra exclusiva apenas de uma Universidade. Este estudo se propõe a auxiliar

na construção de conhecimento sobre a prevalência e perfil dos casos de abuso sexual do Brasil, até então pouco estudados. Adicionalmente, o estudo visa contribuir para o conhecimento da sexualidade

de adultos que sofreram abuso sexual na infância, com o intuito de viabilizar intervenções clínicas mais específicas e eficazes no acolhimento e recuperação das vítimas.

Referências

- ARAÚJO, M. F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, 7 (2), 3-11.
- BUTTENHEIM, M. & LEVENDOSKY, A. (1994). Couples treatment for incest survivors. *Psychotherapy: Theory, Research, Practice, Training*, 31 (3), 407-414.
- CICCHETTI, D. & TOTH, S. L. (2005). Child maltreatment. *Annual Review of Clinical Psychology*, 1, 409-438.
- COLLIN-VÉZINA, D. & HÉBERT, M. (2005). Comparing dissociation and PTSD in sexually abused school-aged girls. *Journal of Nervous and Mental Disease*, 193 (1), 47-52.
- DE ANTONI, C. & KOLLER, S. H. (2002). Violência doméstica e comunitária. *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. 85-91. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.
- JESPERSEN A.F., LALUMIÈRE, M. L. & SETO, M.C. (2009). Sexual abuse history among adult sex offenders and non-sex offenders: a meta-analysis. *Child Abuse Negligence*, 33 (3), 179-92.
- MANIGLIO, R. (2009). The impact of child sexual abuse on health: A systematic review of reviews. *Clinical Psychology Review*, 29 (7), 647-657.
- MESTON, C. M., RELLINI, A. H. & HEIMAN, J. R. (2006). Women's history of sexual abuse, their sexuality and sexual self-schemas. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 74 (2), 229-236.
- NOLL, J. G., TRICKETT, P. K. & PUTMAN, F. W. (2003). A prospective investigation of the impact of childhood sexual abuse on the development of sexuality. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71 (3), 575-586.
- NURCOMBE, B. (2000). Child sexual abuse I: Psychopathology. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 34 (1), 85-91.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (2014). *Status report on violence prevention*. Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/status_report/2014/en/
- PAOLUCCI, E. O., GENIUS, M. L. e VIOLATO, C. (2011). A meta-analysis of the published research on the effects of child sexual abuse. *The Journal of Psychology*, 135 (1), 17-36.
- PEREDA, N. e FORNS, M. (2007). Prevalencia y características del abuso sexual infantil en estudiantes universitarios españoles. *Child Abuse & Neglect*, 31 (4), 417-426.
- PEREDA, N., GUILERA, G., FORNS, M. e GÓMEZ-BENITO, J. (2009). The prevalence of child sexual abuse in community and student samples: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 29 (4), 328-38.

- RODRIGUES, J. L., BRINO, R. F. e WILLIAMS, L. C. A. (2006). Concepções de sexualidade entre adolescentes com e sem histórico de violência sexual. *Paideia*, 16 (34), 229-240.
- RUGGIERO, K. J., MCLEER, S. V. & DIXON, J. F. (2000). Sexual abuse characteristics associated with survivor psychopathology. *Child Abuse & Neglect*, 24 (7), 951- 964.
- RUNYON, M. K. & KENNY, M. C. (2002). Relationship of attributional style, depression, and posttrauma distress among children who suffered physical or sexual abuse. *Child Maltreatment*, 7 (3), 254-264.
- SANT'ANNA, P. A. & BAIMA, A. P. S. (2008). Indicadores clínicos em psicoterapia com mulheres vítimas de abuso sexual. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28 (4), 720-741.
- STOLTENBORG, M., MARINUS, H. I., EUSER E. M., & BAKERMANS–KRANENBURG, M. J. (2011). A Global perspective on child sexual abuse: Meta-analysis of prevalence around the world. *Child Maltreatment*, 16 (2), 79-101.
- THARINGER, D. (1990). Impact of child sexual abuse on developing sexuality. *Professional Psychology: Research and Practice*, 21 (5), 331-337.
- TEIXEIRA, S. A. M. & TAQUETTE, S. R. (2010). Violência e atividade sexual desprotegida em adolescentes menores de 15 anos. *Revista da Associação Médica Brasileira*, 56 (4), 440-446.
- WILLIAMS, LÚCIA C. A. (2014). Virginia Woolf's history of sexual victimization: a case study in light of current research. *Psychology*, 5, 1151-1164.